

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DA ASSIGNATURA

EM AVEIRO: anno (30 n.ºs) 1\$000 rs.; semestre (25 n.ºs) 500 rs.
 FORA D'AVEIRO: anno (30 n.ºs) 1\$125 rs.; semestre (25 n.ºs) 570 rs.

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
 No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
 Numero avulso 30 rs.
 Redacção e administração — rua Direita.

SUBSCRIÇÃO

PARA O MONUMENTO DE JOSÉ ESTEVÃO

Transporte.....	640\$080
Manuel Marques da Cunha.....	4\$500
Manuel Chrisostomo de Mello e Alvino.....	500
Manuel Justino.....	4\$500
João Nunes Antão....	1\$000
Calixto Luiz d'Abreu..	4\$700
Abel da Silva Ribeiro..	10\$500
Francisco Manuel Couceiro da Costa.....	22\$500
João Evangelista de Pinho.....	2\$250
Silverio A. Pereira da Silva.....	18\$000
Dr. José Pereira de Carvalho e Silva.....	18\$000
	726\$530

AVEIRO

ESBANJAMENTOS E REFORMAS

II

O exercito é uma parte importantissima de qualquer sociedade. Os clamores, que inconscientemente para ali se erguem contra elle, são insensatos e tolos. O desprezo que lhe votam as altas regiões officiaes é insensato e criminoso.

Os republicanos são accusados muitas vezes pelo conservantismo, de quererem a sua eliminação, como contrario aos seus interesses anarchicos e ao seu fim desordeiro. Não nos espantam essas accusações, que andam no numero das calumnias torpes d'um devasso clericalismo, que tudo devasta e infesta; mas admira-nos que alguém dê ouvidos, de quando em quando, principalmente no exercito, a essas calumnias porcas. Os amigos do throno e do altar refugiados no ultimo reducto, agarram-se com o desespero de moribundos aos mais

FOLHETIM

3

EDUCAÇÃO POPULAR

JESUITAS E REIS

Da sua doutrina

I

Pombalismo

O primeiro fructo logico e natural que veio ao mundo, emanando dos principios estabelecidos e assentes foi o seu chamado *probabilismo*, evidentemente reduzido da metaphisica aristoteliana, e ensinado por uma numerosa corporação dos mais abalisados doutores e letrados da sua ordem, e de cujos absurdos e heresias nos contentaremos sem dar uma resumida idéa exhibindo algumas das suas maximas.

«Uma opinião provavel é a que tem a seu favor e auctoridade d'um homem habil. A auctoridade d'um doutor faz provavel uma opinião ainda quando contra ella esteja a opinião dos outros. A auctoridade

extremos recursos. Descançae. Não correremos a chicote os vendilhões do templo, mas correremos a pontapés os vendilhões da patria e da liberdade.

Que nos importam as vossas calumnias? Nem os vestidos nos rogam. As vossas podridões revoltam. A consciencia humana é por nós.

Somoz inimigos do exercito? Sim, do vosso exercito de feira que para nada serve e a ninguém aproveita.

Nós queremos-lo instruido e vós quereis-lo estúpido, nós quereis-lo digno e vós quereis-lo abjecto, nós quereis-lo patriota e vós quereis-lo inimigo do povo.

Nós gastaremos dinheiro em instrui-lo, em morigera-lo, em pô-lo á altura do paiz, e vós gastaes-lo em paradas realengas, em commissões rendosas sem nenhum fim util, em mil desperdícios, como dizem os vossos jornaes.

A differença é enorme.

Os republicanos querem um exercito para a nação, os monarchicos querem um exercito para o rei. Mas especialisemos, tanto quanto nos seja permitido pelas pequenas dimensões d'este jornal.

Um dos argumentos favoritos dos monarchicos, e aquelle com que mettem mais medo aos officiaes menos illustrados do nosso exercito, é o pouco amor que os republicanos nutrem pelo exercito permanente.

A eliminação ou não eliminação do exercito permanente é uma delicadissima questão muito difficil de resolver e que tem sido estudada demoradamente pelos homens mais eminentes do militarismo e do civil. Será ou não conveniente para o bem geral d'um paiz a eliminação do seu exercito permanente? Tal é o thema, que tem servido a importantes e notaveis discussões.

Os militares deffendem geralmente a conservação do exercito, como necessario á boa instrucção e á boa disciplina; muitos estadistas combatem-na como prejudicial

dos doutores faz muitas vezes provavel o mesmo que o não seria se não houvesse respeito mais do que tão sómente ao peso das razões.»

«Se um homem sustenta contra o parecer dos outros que uma cousa é licita em consciencia, é-lhe permitido obrar segundo o seu modo de discorrer. Basta a um homem ignorante e a qualquer discipulo das escolas, para não pecarem, seguirem a opinião do seu mestre e do seu doutor.»

«É cousa permittida consultar diversos doutores até que achemos um que nos responda conforme no que desejamos.»

«É um bom effeito da Providencia esta variedade de doutores sobre a moral. Ella nos ajuda a levar mais suavemente o jugo do senhor.»

«É permittido em consciencia nas cousas até necessarias á salvação, tanto em materia de fé como em materia de costumes, escolher e praticar tanto por si mesmo como por outrem, a opinião que mais nos agrada; ainda que seja a menos provavel, a menos segura, e commumente a que menos se en-

agricultura e á industria pelos braços que rouba, á fazenda nacional pelo dinheiro que dispende, é á moral pelo relaxamento e devassidão a que leva o soldado. Este ultimo inconveniente, porem, tem pouco peso, porque o relaxamento e a devassidão proveem da mandricé e desde o momento que o soldado trabalhe nos campos de manobra, nas fortificações, nos levantamentos etc., isso acabará. Os dois primeiros, todavia, são incontestavelmente muito fortes e irrefutaveis.

Não entraremos a fundo na questão, que é complexa e nós só pretendemos passar levemente por ella, para não estendermos demasiadamente estes artigos. Mas daremos francamente a nossa opinião. Quem escreve estas linhas é profundamente radical, porque não quer nada nem mesmo com os conservantismos republicanos, e portanto inimigo dos exercitos permanentes, que na sua opinião, que pode ser com tudo erronea, são prejudiciaes ás nações. O que eu quereria em Portugal, o meu ideal, é um exercito como o da Suissa—numeroso, instruido, patriota e barato. Mas entendo, comtudo, que não se chega facilmente a esse resultado.

Se a Republica se estabelecesse hoje em Portugal e acabasse amanhã com o exercito permanente, praticaria um erro enorme, que lhe seria fatal a ella e ao paiz. Para se chegar a esse resultado, que eu acho bom, é necessario trabalharse muito. Quando o doente pode ter cura, não se lhe procuram os ultimos remedios.

Para acabar com o exercito permanente em Portugal teriamos de fazer entre outras cousas o seguinte:—Reforma do recrutamento—serviço militar obrigatorio—Organisação das reservas e ensino militar para as creanças nas escolas.

Então e só então é que poderia ser erguido o cume da obra. A maneira, como se faz o recrutamento em Portugal, é um escandalo e uma vergonha.

na, ainda que se tenha por falsa na especulação; e é permittido deixar á parte a opinião mais provavel, mais geral e mais segura e que se tenha por verdadeira. Basta que aquella que se segue seja provavel na pratica.»

«No caso de um perigo consideravel ou de uma grande necessidade, não sómente é permittido, mas é de obrigação seguir a opinião d'outrem, ainda que essa opinião seja a menos provavel ou que não tenha probabilidade alguma. A dita opinião fica em tal caso provabilissima por causa d'esta grande necessidade e perigo.»

É permittido a um religioso casar-se sobre o fundamento d'uma revelação duvidosa e simplesmente provavel, com tanto que esta revelação tenha uma verdadeira probabilidade.

«É permittido a um sacerdote sobre uma opinião simplesmente provavel de que elle tem sufficientes poderes de confessar, de absolver e de casar, o executal-o assim, ainda que o contrario seja mais provavel.»

«O infiel que crê que a sua sei-

O administrador do concelho sempre foi para mim uma entidade muito antipathica. Elle é um dos arbitros supremos das poucas vergonhas patrias. E um dos que vae na machina, deitando carvão. Que me perdem todos os bachareis administradores, mas não de concordar que não sou exagerado. Talvez seja até benevolo. Uma das armas poderosas do administrador é o recrutamento. Só isso lhe dá muitos centos de votos. Pois é preciso arrancar-lhe essa arma para bem do paiz e da humanidade. Aquelles funcionarios são naturalmente muito esquecidos, fazem pagar o justo pelo peccador e ás nações não convem nem esquecimentos, nem injustiças.

Um pobre desgraçado que não é protegido, paga por um patife qualquer que seja amigo de sua senhoria o administrador, ou de sua excellencia o governador civil, e quando os desfarçados reclamam ou quando já não chegam para tanta maroteira poe-se uma pedra em cima dos patifes e assim se tem conseguido, que os diferentes districts do paiz devam ao exercito milhares e milhares de homens. Depois a inspecção ainda vem coroar a obra. Ah! é o *excellentissimo* governador que obra directamente para pôr os *malandros* na rua. Mas que se lhe ha de fazer? Se os compadres e as comadres pedem!..

Repetimos o recrutamento organizado tal como está é um escandalo e uma infamia, que é necessario terminar, o que só succederá com a Republica.

Comò conclusão da reforma do recrutamento da medida a estabelecer, é o serviço militar obrigatorio, sem excepções nem remissões. Sim, queremos que todos sejam soldados, temos o direito de o exigir em nome da patria. Demais, as excepções são odiosas. Com que direito deixa o padre de ser soldado? Em que principio se funda? No jesuitismo do Estado, provavelmente. E não será infame a tal substituição por dinheiro? Lá porque um sujeito é rico deixa de ir

ta é provavel, ainda que a religião opposta lhe pareça mais provavel, não é obrigado a deixar a sua seita; nem parece que se deve obrigar a deixal-a para abraçar a religião que lhe parece mais provavel. Ainda em caso de morte se elle é obrigado, como alguns querem, não o é segundo a maior parte dos outros, a deixar o caminho seguro da sua seita por outro mais seguro. É sómente obrigado em tal caso a se dispor a examinar a questão com algum cuidado, quando o puder fazer. Em geral uma maior probabilidade, qualquer que ella seja, não é sufficiente para nos obrigar a crer os mysterios da religião.»

«Os vassallos podem em consciencia deixar de pagar aos reis os tributos, ou pagal-os seguindo uma das duas probabilidade oppostas. Um vassallo pôde em consciencia recusar de pagar os ditos tributos, segundo a opinião provavel, que elle tem, de que estes tributos são injustos. Pôde mesmo juntamente pedir em publico os mesmos tributos em nome do rei, e negal-os em particular: porque sendo provavel que o tributo é injusto, pô-

para o exercito, pagando a um malandrim qualquer, que o faça por si. Vá e trabalhe, escusa de ser muitas vezes um devasso, que só serve por farpear touros e andar a cavallo. O seu dinheiro empregado d'esse modo, com o fim de evitar o chamado tributo de sangue, offende os nossos brios e a nossa dignidade.

A respeito de excepções só uma admittimos. A do filho, que é o unico amparo da familia. Só essa é nobre e grandiosa. Mas é preciso sujeita-la a sua rigorosa inspecção, porque nós bem sabemos o que hoje se pratica por ali. Conhecemos muito figurão protegido por altos trunfos politicos que livrou assim sem ser amparo de ninguém, ao passo que conhecemos muito desgraçado que era o unico amparo dos pobres velhos ou dos pobres irmãos e que foi para o serviço militar por não ter protecções.

Conhecemos tambem outros, que livram legalmente mas que logo em seguida desamparam aquelles, que invocaram para tal fim! Abaixo todas essas illegalidades. A organização das reservas e o ensino militar nas escolas são outras duas excellentes medidas.

A creança desenvolve uma certa actividade durante os seus primeiros annos. Não descança antes de entrar na escola, durante os intervallos e depois de sahir. O seu prazer é brincar. Pois bem. Nós prestaremos um grande serviço a essa creança, á sua familia e á sua patria se lhe aproveitarmos a actividade natural em alguma cousa util.

Ensinemos-lhe gymnastica e ensinemos-lhe os exercicios militares. Com o primeiro ensino desenvolver-lhe-hemos os musculos, matalhe-hemos o rachimismo, torna-la-hemos forte, bella, robusta, sadia.

Com o segundo faremos com que perca o horror ao serviço militar, satisfazer-lhe-hemos a imaginação phantastica, ensina-la-hemos sem esforço, brandamente e teremos d'esse modo dado o golpe mais

de licitamente fazer ou uma ou outra cousa, sem ser obrigado a alguma restituição. Porque ha quem diga que apenas ha alguns tributos que sejam justos. E outros opinam que quasi todos são injustos. É permittido a um subdito não obedecer ao seu superior se elle crê provavelmente ou que o dito superior não tem jurisdicção legitima, ou que exceda o seu poder. Da mesma sorte se elle crê provavelmente que o juiz não tem direito de o interrogar, pôde em consciencia ou não lhe responder ou enganar-o com uma resposta equivocada.»

Um juiz pôde favorecer o seu amigo e julgar a seu favor tanto em materia civil como em materia criminal, deixando a sua propria opinião que crê a mais provavel, para seguir a opinião contraria. Concorrendo dous pareceres provaveis, pôde julgar umas vezes por um, e outras por outro, com tanto que tenha cuidado que isto não cause escandalo, e pôde fazer perder o processo a quem lhe parecer.»

(Continua)

EDUARDO ARVINS.

profundo e fatal nos exercitos permanentes. Temos muito ainda que dizer.

LUIZ DA SILVA.

A JUNTA GERAL DO DISTRICTO

Depois de delongadas semanas appareceu a sua dissolução official. Fez-se esperar com a impaciencia e a angustia de uma agonia prolongadissima e irremediavel. Mas veio, e veio com uma semsaboria flagrante, atascada na indifferença, sem causar sensações.

A noticia cahio a meus pés, como uma abobora apodrecida. Deu um estoirito desprezível, e mostrou-me um interior de desagradavel fermentação. Simplesmente isto.

As questões da Junta Geral d'este Districto, debatidas e repetidas em muitos annos, tem um caracter de chronicidade que já não impressiona, que nem vale a pena de descrevel-o. Alem d'isto são consequencia das intrigas domesticas dos partidos antagonistas, são partos dos seus interesses particulares, e exclusivos do bem geral. Por isso não interessam senão á besbilhotice, e é perigoso bolir n'essas decomposições meramente familiares.

Entretanto é bom comprimir essas excrecencias legais, consagradas, e adoradas successivamente por todos, á mercê e á medida das conveniencias e opportunidades.

Entretanto é bom apontar á irrisão publica essas leis, que são como meros espantalhos, esses manequins que o mais habil ou o mais charlatão póde mover.

Pois que diabo de leis são essas, que transtornam a arithmetica? Pois para sommar 11, para arranjar uma maioria, não bastam segundos, são precisos mezes?

Pois que leis são essas que produzem questões de arithmetica infantil?

Pois para a composição do congresso dos deputados districtaes, d'um organismo tão importante e com poderes tão graves e ponderosos ha uma lei tão pulha que dá logar ás palhaçadas que ha uma dezena de annos estamos sempre a vêr? Pois ainda não esteve no poder um partido com a pouca seriedade sufficiente para não gostar de ridiculos, nem de desmoralisações? Pois ainda não appareceu esse partido para derogar as taes leis feitas de borracha velha de galochas estrompadas? Parece que não.

O que appareceu, o que aparece, o que ha sem custo, é um governo que como o actual faça desconchavos, e discaros.

A dissolução da Junta o que prova se não que o Governo não alcançou maioria? Pois se a tinha, porque não fez respeitar a lei, porque não fez respeitar essa maioria? Pois ainda assim não ficava bem servido? Em que situação collocou os seus amigos, os seus dedicados? Devem estar excruciantes!

Diz-se ha que existindo irregularidades na organização da Junta, a dissolução era uma homenagem á Lei, era um louvor justissimo ao Codigo, e que por isso em nome dos Altos principios o Governo não duvidou em sacrificar os seus amigos. Póde dizer-se e proclamar-se isto, mas para complemento falta apenas uma cousa... que haja quem creia n'essa abnegação superior.

E a opposição, se se julga lezada na sua legalidade, que faz? Onde está a lei e o tribunal a que se arrime effizacmente para obter justiça? Quem sabe?

Se para o desforço não ha fundamento legal, e se esse desforço tem uma base justa, provado está que a governação actual é anticivilisadora.

E do povo, dos eleitores, quem faz caso? Pois não comprehende o

Governo, que quem vota, anda farto, enfastiado, e a encher-se de razão para dar um revez decisivo?

Ái! senhores do pobre Portugal, que duras contas tendes de prestar! E com que exactão vos não de ser exigidas!

Precisades de julgamento e prompto. Eu sei que vos haveis de negar a elle, e que pondeis a mordça ao Juiz. Mas cahis na vossa impotencia.

Á mordça resiste-se com a conspiração, á ameaça com a luta.

O paiz quer vida nova, e para a obter não lhe faltará coragem nem lhe fallecerão dedicações.

Quando um machinismo não presta, nem já admite compostura, faz-se um novo.

CARLOS FARIA.

JUNTA GERAL

Vai sem commentarios!

Reuniram em 13 do corrente os substitutos da Junta Geral, em virtude do decreto que dissolveu esta corporação, elegerem a Comissão que deve gerir os negocios do districto até á convocação da nova junta.

Com a dissolução pretendéu o governo remover as irregularidades, que de ha muito se dão na administração districtal. O que se passou no dia 13 leva-nos a affirmar que nada remediará.

Aquillo não foi reunião de homens sisudos, para em virtude do seu mandato resolverem negocios importantes; foi uma agremiação de farçolas que vieram tripudiar sobre o moribundo districto.

Atraz do osso que pretendem esfollar, regeneradores, progressistas, constituintes correm loucamente esfaimados.

Hão-de cessar as irregularidades, se um dia todos tiverem, simultaneamente, lasca para rilhar.

Reunidos todos em volta d'uma meza, coberta com uma colcha de chita os srs. substitutos tratam de veraquem compete presidir. Apresenta-se o mais velho, e em seguida dois dos procuradores declaram que, apesar de terem sido convocados para aquella reunião, estão ali individualmente. Por isso, são autorisados a deixarem os seus logares.

Em seguida um sujeito qualquer apresenta-se declarando que, em virtude da sahida de um dos individuos a quem acabamos de nos referir, lhe compete a elle tomar lugar. Começa a atrapalhação. O presidente não sabe o que dizer, mas parece-lhe que deve sujeitar o caso a votação da junta. O pretendente não admite tal votação e declara que não sae d'ali, senão violentemente. Do extremo da meza brada um sujeito irascivel e de cabellos brancos—*Se temos lei, cumpre-se a lei...*

Um outro grita que ou o sr. Albano de Mello toma lugar, ou saem todos. Discute-se, ou antes grita-se de todos os lados.

Os espectadores fazem discursos.—Ha gargalhada geral. Uma confusão incrível. Fuma-se na sala. Dizem-se pilérias e o das barbas brancas gritando sempre *legem habemus*. O presidente sua por todos os póros e consulta sem cessar a lista dos procuradores convocados. Afinal lá consegue uma votação sobre o caso, mas o sr. Albano não se sujeita a votações. Para elle a lei é clara, interpreta-a a seu modo e não admite interpretação differente. Consegue-se finalmente nova votação, mas o sr. Albano não se importa com votação, e, o outro cá do extremo da meza bradando sempre *legem habemus*.

A gargalhada é estridula e a confusão geral.

N'isto entra na salla o sr. go-

vernador civil. Os farcistas fazem silencio profundo. S. ex.^a declara que, não lhe competindo entrar nas deliberações da junta, vem ali para dar as explicações, que forem necessarias. O sr. Albano gagueja o seu direito; o governador não lh'o contesta, mas declara que, na sua opinião, só deve tomar assento, quando convocado officialmente. Todos se callam. S. ex.^a sae e a confusão faz-se de novo. Agora já não é o sr. Albano,—esse parece convencido. Agora é o sr. Paes da Graça, que com um sorriso alvar pretende tambem e, pelas razões do sr. Albano tomar assento. O presidente já não sabe o que o governador respondeu. Fica novamente atrapalhado. N'isto um espectador pretende tambem um lugar á meza, declarando-se procurador por um círculo qualquer.

—Votação... venhá a votação. Mas a votação não se faz e, no meio d'esta enorme Babel, levantam-se todos os progressistas. Ha quem brade para *o das barbas* que não cessa de gritar *legem habemus,—e para isto pegámos nós em armas ha 37 annos!*

Retirados os progressistas perante o presidente, sem cessar,—*temos numero?* e o membro que he fica á direita diz—*a minha opinião é que se entre na ordem do dia...*

Finalmente lá se convence o presidente de que não ha numero e fecha a sessão!

Eis caros leitores o que se chama uma boa farçada. E tudo isto por causa de uns magros *cobres* que o districto paga aos homens *desinteressados*, que cuidam da sua administração.

E José Estevam forçado em effigie a contemplar estas scenas vergonhosas.

Se elle podesse sahir da suimmobilidade e *expulsar estes vendilhões!*

A EQUAÇÃO DA VICTORIA

O exame attento do estado psychologico do paiz determina nos espiritos ainda os mais imparciais a firme crença d'uma mudança radical e profunda no modo de ser da sociedade portugueza prestes a operar-se ainda que pese ao carunchoso e pulverulento elemento conservador-retrogrado.

O impulso inicial realisado entre nós ha menos d'uma dezena d'annos é hoje assombrosamente fertil em resultados favoraveis á causa republicano-democratica, para a qual a nação solve as attenções como quem não póde já esperar em outra parte remedio a seus males profundos, a suas desgraças quasi insanaveis—legado tão triste como logico? a monarchia e dos seus chatinos que despiedosamente nos exploram.

A divisão primaria da sociedade portugueza em official e não official—ou suspeita e interessada, e imparcial e independente auxilia-nos poderosamente na solução do problema que ora nos propomos: avaliar a equivalencia ou desigualdade das sommas de vontades activas oppostas n'um plebiscito de acção differencial. O elemento official inervado, sceptico, indolente, só amigo do gozo é da inercia, não opporá resistencia alguma no momento da acção; pouco lhe importa a mudança de amo. Não é a d'elle que logicamente pertence a victoria; ella é consequência da lucha e só lucha quem tem fé e crença—no nosso caso a parte da sociedade portugueza independente e digna e amiga da patria.

E esta está cabalmente desenganada, perfectamente desiludida das intrujices e artimanhas com que os ditos liberaes nos pertendem embair ha meio seculo de dolorosa e fa-

tidica experiencia. Nas cidades onde a luz tem irradiado mais prematura e exhuberantemente o povo perdeu já o fetichismo regio-aristocratico-auctoritario e d'envolta com elle a confiança e o amor ao actual estado de cousas, que lhe traz á memoria um passado ignominioso e lugubre. O chamado doador da carta, libertador por ironia, não dispunha d'agua-benta sufficiente (era impossivel!) para purificar a vergonte, o principio, a instituição, que brotavam de tal tronco, de tal origem, e de tal paternidade. Ahi trabalha-se pelas conquistas de novas regalias, estuda-se a formula de novas e vingadas applicações pratico-politicas em harmonia e ao nivel da sciencia moderna e a par da civilização dos nossos dias. Eis aqui o principal caracteristico do animal homem, o maior argumento da sua differença da animalidade irracional: a assimilação moral.

Aqui, no campo a grande massa da população rural, vergada ao peso d'um trabalho sobrehumano, carregada de tributos onerosos e vexatorios, falta de instrucção geral e proficional, escasseada de dinheiro—que todo é pouco para os mil desperdicios da alta governação, para as bambochatas e libertinagens dos fanteches da realza, para os luxos e inutilidades importados do estrangeiro—está invadida até ao amago do seu ser, até á medulla da sua natureza mais intima por um scepticismo frio arreigado e tranquillo que a faz olhar com o mesmo desprezo impassivel e ironico os diferentes partidos monarchicos, que, mais ou menos intrujões e cynicos, se apresentam a captar a aura popular e a conquistar uma cadeira na plateia de S. Bento, d'onde esperam guindar-se a estancia mais pingue depois de ter servido os afillados e os amigos.

Erraria grave e grosseiramente quem n'esta computação attendesse meramente ao numero attribuindo vontade efficiente onde ella não existe, acção onde só ha inercia, propulsão onde só ha passividade. O nosso campones não dá nada pelo rei, não dá nada pela monarchia, não dá nada pelos governos emanados d'ella. Não espera nem precisa mais que uma vontade extranha inergica e activa para o impulsionar. Está no periodo da passividade. Não se move, não lucha porque não crê. Para isso falta-lhe a educação civica, o complexo dos seus direitos e deveres. Essa noção vae-a adquirindo todavia accleradamente e chegará á sua conclusão se o evolucionismo não tivesse de ser fatalmente cortado pela revolução, que está no espirito de todos os patriotas, no desejo de todas as almas levantadas e honestas.

Nas regiões do poder, nebulozas e sombrias lobriga-se a ascendencia da onda revolucionaria. Temem-na por que ella é temerosa, e desafiam-na com os seus desatinos porque a atracção do abysmo, a miragem do precipicio fascinou-os. Imprescrutaveis leis da fatalidade...

EDUARDO ARVINS.

CARTAS

Lisboa 16 de junho.

As côrtes foram prorogadas até ao dia 23 do corrente mez, por imposição do Syndicato, segundo se diz e não é contestado, para na camara dos pares ser votada a tratantada de Salamanca. A meia duzia de usurarios do Porto assim o exige e é justo que se lhes remunerem os *expontaneos* festejos que o Porto fez na occasião da ida da familia real áquella cidade. E outro não é o fim da tratantada, mais do que metter nas algibeiras dos

patrioticas syndicantes portuenses e nos do sr. Burnay um *ganhosinho* de 2.700 contos.

Mas o poder moderador quer fazer a vontade aos seus festeiros e o povo quer contrariar o poder moderador, de modo que tudo vae bem...

— Os *progressistas*, com a commissão de logistas e commerciantes á sua frente, continuam no seu afan de agitar o paiz contra o governo por causa da Salamanca. Mas o paiz parece que não vae muito com elles; e tem razão o povo que assim procede; porque os heroes da traição de Lourenço Marques, os insultadores pelintras da commissão da imprensa promotora da brilhante manifestação camoneana, os sabujos que dias depois de espalharem por todo o paiz um programma em que se prometia boas reformas politicas, o rasgam, para se rojarem aos pés de quem lhe havia concedido os postos para os obrigar a calar, não teem auctoridade moral para que o povo acredite nas suas palavras mais uma vez. O povo está desenganoado de toda a banda em que se fragmenta esta grande bambochata monarchica constitucional.

Este mesmo estado de indifferença que o povo manifesta pelos negocios da administração publica, é uma prova de que elle não tem confiança nem cura do que esses governos fazem. Está á espera do grande dia de justiça, do dia em que elle tambem hade ter vontade... que todos, os que trabalhamos para que esse dia se aproxime, lhe inspirem confiança; que trabalhemos para eliminar do poder, todos estes parasitas e especuladores que vão levando este paiz á completa ruina se um grande partido nacional, patriota e de abnegação, o partido republicano emfim, não tractar com seriedade de realisar praticamente o seu ideal.

Trabalhemos todos!

Emquanto os governos monarchicos só curam de promover a ignorancia e de reduzir á miseria este povo, digno de melhor sorte; enquanto uma maioria de *lucianos* regeita um voto de sentimento á memoria do heroe Garibaldi a quem o mundo inteiro está prestando innumeradas homenagens; enquanto por toda a parte o elemento official no campo da instrucção publica se mostra retrogrado, o jesuita, o astuto e o hypocrita jesuita lá progride, perante esta criminosia indifferença e vae exercendo a sua influencia e vae sentindo-se tão á vontade, que já faz propaganda a descoberto. Todos sabem que funciona actualmente em Lisboa um chamado congresso catholico, que outra cousa não é senão um conciliabulo de jesuitas. E este congresso funciona livremente e os seus membros tem por fim especial pedir o restabelecimento das ordens religiosas, extinctas no nosso paiz com os decretos dos grandes estadistas Aguiar e Pombal. E a auctoridade não os incommoda, ao contrario vae para lá afim de que ninguém perturbe aquellos santos varões! Os jornalistas monarchicos ou os louvam pelos seus serviços, ou se calam, o que é peor; nemo sr. Emydio Navarro, que ha pouco tempo fazia a apothese dos grandes principios revolucionarios de 93 e dos homens da Montanha que os incommoda. Mas agora o sr. Navarro pede a repressão esmagadora para a imprensa independente; e ainda faz mais, deixa o congresso catholico em paz e n'esse artigo para o *Primeiro de Janeiro* denuncia o congresso das associações como perigoso para a civilização, como um elemento de desordem para a sociedade portugueza.

E querem estes senhores governar este paiz! E quer o sr. Navarro ser ministro do reino!

— O sr. Arrobas foi substituí-

do pelo sr. Caetano d'Albuquerque, que também foi governador de pretos como elle e sob cujo consulado vae continuando a perseguição aos republicanos.

Ainda hontem foram intimidados alguns membros da associação eleitoral e escolar Fernandes Thomaz para comparecerem na proxima terça-feira afim de responderem em audiencia á accusação que o ministerio publico lhes faz de pertencerem a um club que não está, diz elle, legalmente auctorisado.

Convem que lhes diga que a associação Fernandes Thomaz já mandou ha bastante tempo um projecto de estatutos ao commissario de policia e de que elle até hoje não fez caso algum! Como se vem então agora dizer que aquella associação não é legal? Furtaram-se os seus membros á acção da auctoridade? não, tanto que desejam os seus estatutos approvados e ás suas reuniões têm assistido agentes da auctoridade. Não comprehendemos como é que uma associação que a auctoridade diz não ser legal, pôde já ter funcionado tanta vez, durante mais de um anno, com a assistencia d'essa mesma auctoridade.

As associações de jesuitas, as casas de batota, as casas de educação religiosa onde campeia a demoralisação, existem nem sequer n'ellas se falla para não chamar a attenção publica para esses focos d'onde emana a dissolução social a que estamos assistindo; agora as associações que no repouso das luctas eleitoraes em que podem funcionar, tratam da instrucção dos operarios e dos seus filhos, sustentando aulas, como a de Fernandes Thomaz são apontadas como illegaes e manda-se que sejam dissolvidas!

Querem o povo ignorante e beato para continuarem na orgia...

O partido republicano, á vista de todos estes desmandos e desaforos, ainda vae mais uma vez ser o primeiro a erguer a sua voz, a luctar contra o predominio do jesuita.

O comicio anti-jesuitico, que deve produzir beneficos resultados e a associação de livres pensadores são os dous primeiros actos, que os republicanos praticam n'esse sentido.

A commissão installadora da associação elegera para seu presidente o sr. Theophilo Braga, e foi encarregado de elaborar o projecto de estatutos o distincto escriptor e convicto republicano Teixeira Bastos. Estes dous nomes são garantia do muito que a Associação hade fazer.

Entre as varias demonstrações de sentimento pela morte de Garibaldi, destacou-se aqui em Lisboa a do *Club Henriques Nogueira*, da qual traz uma minuciosa descripção o n.º 436 do *Seculo*.

Y.

Recommendamos ao sr. administrador do concelho que ponha cobro á ladroagem; e chamamos especialmente a attenção de s. ex.ª para os furtos, que em Esgueira, povoação proxima a esta cidade, se commettem diariamente e em numero consideravel.

Ha ali dezenas de familias que não querem trabalhar de jornal, porque preferem assaltar os pinhaes dos proprietarios, e não só levam as agulhas e arrancam os matos, mas a ramada e as pinhas; e chega o desaforo a ponto de cortarem pinheiros mais ou menos crescidos, —fazendo-os em pequenos bocados e conduzindo-os a suas casas,—depositos de semelhantes furtos,—e ahi vendem, a retalho, ou por atacado, o producto da sua industria!!!

Não exageramos. Os proprietarios, que possuem pinhaes em Esgueira, não os usufruem.

O escandalo é tal que essa catterva de ladrões tem isto como modo de vida—unico e exclusivo—e até andam ahi por a cidade a vender aos proprios senhores dos pinhaes a lenha que, horas antes, lhes furtaram!!!

Estão ahi muitos proprietarios. Ouça-os o sr. administrador, e verá se é justa a nossa queixa.

Faz-se isto a toda a hora do dia e á vista da auctoridade,—e não ha policia que ponha termo a este estado de cousas!!!

Para que paga o povo á monarchia, se esta nem lhe garante o direito de propriedade, e essa enorme praça de empregados,—afidalhagem ociosa e estúpida dos devassos,—nada mais faz que receber o dinheiro do povo que trabalha noute e dia para sustentar tantos malandros?

Attente n'isto o sr. administrador e cumpra o seu dever.

Mande os seus empregados policiares Esgueira e prender esses desafortados tratantes e ladrões.

Não tenha medo da proxima eleição, porque o sr. seu amo tem já muitos devassos e ladrões para lhe darem *maioria conscienciosa*, e não necessita dos votos dos ladrões dos nossos pinhaes.

Tambem pedimos ao sr. administrador ou ao sr. governador civil que nos livre d'outro genero de ladrões e vadios que por ahi andam mendigando e que investem a toda a hora com os cidadãos.

Ninguem sabe quem sejam,—nem a sua naturalidade, e ainda menos a sua necessidade,—sendo certo que uns se entregam a isto sem necessidade, e outros são realmente pobres, mas não querem trabalhar, e adoptam o systema da vadiagem, mendigando. Ha ainda outra especie de ladrões, que são muito frequentes nas aldeas, e que, para fazer mais rendosa a colheita, dizem-se mendigos em nome de quantos santos pode imaginar um malandro, e pedem então para cumprir promessas a S. Romão— a S. Crispim— a S. Christovam e ao grande diabo que os leve e mais ás auctoridades monarchicas que nem a isto nos dão remedio.

F.

A camara d'Agueda já fez o pagamento das respectivas mensalidades aos professores primarios d'aquelle concelho e que lhes devia ha cerca de 10 meses.

Já não veio sem tempo.

Os jesuitas invadem o paiz por todos os lados. O governo do sr. Fontes bate-lhes as palmas, chama-os para junto de si, dá-lhes conventos, franqueia-lhes os institutos religiosos e até lhes dá dinheiro a ganhar.

O jesuita é astuto; e ao passo que lhe vae aceitando, como submissão dissimulada, as honrarias e considerações, vae minando sorrateiramente, perfidamente todos os reconditos sociaes. A nação vae sendo guiada pela orientação clerical. Onde estão os antigos brios patrioticos, que se não põem em campo para enxotar e aniquilar essa cafila poderosa de abutres e sendeiros manhosos? Nação, desperta e resurge para a lucta. Unamos indistinctamente. Procuremos o inimigo em todos os seus reductos e baluartes: na escola e na officina, no pulpito e no confessionario, na alcova e na associação, na treva e na imprensa. Em toda a parte o encontraremos sob mil formas e metamorphoses, eludindo, atraçoando, desencaminhando e atrophiando. Guerra aos jesuitas! guerra violenta, interminavel e de morte.

Haja dinheiro para tudo.

A fiscalisação do pescadão não tem nada menos de 7 empregados. Uma fartura. Tudo a protesto de regularisar o serviço. A mojarchia vae para ahi vivendo ha custa d'estes e d'outros pontos.

O saí chegou a um preço exorbitante, verdadeiramente fabuloso. Está-se a vender o barco a 72\$000 réis. Já é.

Está designado o dia 16 de julho para a nova eleição dos procuradores á junta geral d'este districto. O governo regenerador não estava contente com a existente; e francamente, tinha razão. O que para ahi estava seria tudo, menos uma corporação zelosa e mantenedora dos seus direitos e deveres. Era uma carneirada travessa e insolente que se não dava bem, que se descompunha e esbravejava com a maior sem cerimonia d'este mundo. O governo poz tudo na rua.

O Centro Republicano passa muito brevemente a habitar a sua nova casa na rua do Caes. A commissão executiva tem envidado todos os esforços para ultimar os trabalhos no mais curto prazo. A sala do bilhar fica ampla e elegante e o salão para as sessões dispõe de todas as commodidades indispensaveis.

Em 4 de junho de 1878 foi remettido para o sr. delegado do procurador regio um processo de transgressão do imposto do real d'agua, contra o cidadão José Antonio Marques, actual vereador substituto da *troupe* progressista. Ora depois d'um tão avultado espaço de tempo, que tem feito o sr. delegado, que não tem dado andamento legal ao processo? Que influencia ou suggestão estranha predominaria no animo d'aquelle magistrado para não cumprir com a lei? Quatro annos decorridos e ainda nada de novo! O sr. delegado *mette-se em copas* e faz muito bem.

É bom ter em vista que o sr. José Antonio Marques, a quem foi feita a apprehensão é hoje camarista ao lado d'um velho politico, *competidor* de José Estevam em popularidade e liberalismo. E para que o povo vá apprendendo a conhecer os homens a quem estão confiados os destinos municipaes, que tem no seu passado um sudario de traficancias, subornos e indignidades, ahi lhe apresentamos um *specimen* á frente d'uma corporação importante, que deve ser illustrada, democratica e honesta.

Pedimos no nosso ultimo numero providencias ao sr. administrador do concelho contra esse escandalo, essa illegalidade, essa infamia que para ahi existe sob o nome de batota. Já por mais vezes as tinhamos pedido, mas o sr. administrador que é *protector da gente honrada*, fechou os ouvidos e não fez caso nenhum. Justamente indignados com essa protecção e com o desaforo praticado chamamos malandros aos *faias* da batota mas sem especialisarmos ninguém absolutamente. Pois um sujeito qualquer, julgou-se offendido com a classificaçao, pegou na capapuça para a enterrar por a cabeça abaixo e veio implicar com um dos redactores do *Povo de Aveiro*.

O sr. administrador do concelho teve conhecimento do conflicto, que se deu, e gostou e applaudiu, publicamente, deante de toda a gente. É pasmoso, incrível, extraordinario.

Essa auctoridade não só tem faltado ao cumprimento dos seus deveres, protegendo secretamente os biltres que deveriam estar ha muito na cadeia, mas ainda para a praça publica tomar o partido d'uns malandros, que vieram assentar o arraial das suas devassidões no meio da gente honrada e honesta.

O sr. administrador é amigo dos batoteiros, consente-lhes as orgias nocturnas, applaude-lhes as immoralidades, tolera-lhes licença, a anarchia e a desordem que elles vão lançar no seio de familias dignas a quem os proprios filhos de menor idade fogem para esse alcouce de nova especie, e portanto está em opposição a toda a gente honrada e nobre d'esta cidade.

Sr. governador civil, o sr. Ruy Couceiro da Costa não pode continuar a ser administrador do concelho de Aveiro.

Sr. governador civil, note v. ex.ª bem este facto.

Um jornal, no uso plenissimo dos seus direitos e no cumprimento nobilissimo da sua missão, apontou ha mezes ás auctoridades uma casa dissoluta, perigosa, immoral e por tudo isso condemnada pelas leis. Era obrigação do sr. administrador e de v. ex.ª mandar assaltar essa casa, prender os vadios que se encontrassem lá dentro e mettel-os na cadeia como satisfacção a uma povoação inteira que não quer ser deshonrada por elles. Se v. ex.ª não deu essas ordens ao seu subordinado é mais criminoso do que os batoteiros, porque faltou á lei e ás reclamações da opinião publica; se as deu, o seu subordinado praticou uma illegalidade não as cumprindo e deve portanto ser castigado. Note mais ainda:

Um dos malandros, o que se diz chefe d'elles, teve o atrevimento extraordinario de se atirar em plena praça publica, a um jornalista honrado que censurara um escandalo, que a lei castiga severamente e que pedira justiça. A auctoridade que deveria ter castigado o auctor do attentado logo que d'elle teve conhecimento, pelo contrario gostou e riu-se.

Que respeito merece o administrador? Nenhum, não o reconhecemos mais como tal.

Em Aveiro não ha policia, não ha auctoridade, não ha lei.

Pois bem. N'esse caso, dada a anarchia e a desordem, vamos fazer justiça por nossas mãos.

Não se faltou só ao respeito devido a um jornalista honrado e energico, que exerce com consciencia a sua missão, faltou-se tambem ao respeito devido a todos os seus amigos politicos, que tem por orgão na localidade o *Povo de Aveiro*, cujas opiniões representa, e por conseguinte serão elles que tomarão collectivamente d'aqui em deante a responsabilidade do que se disser e fizer em casos analogos a este. Que o fiquem sabendo bem todos os senhores *batoteiros* immundos e todas as *senhoras* auctoridades, suas amigas. Já que as *senhoras* auctoridades querem a desordem, terão a desordem e é possivel que se cancem depressa.

Não queremos que isto continue assim, ouçam-nos bem. O *Povo de Aveiro* continuará no seu posto de honra, intransigente e energico como até aqui, e cá fora empregará os meios extremos para ser respeitado.

Abaixo a batota, abaixo todas as immoralidades.

Continuaremos.

Sr. redactor.—Peço publique no seu mui illustrado jornal as linhas que se seguem, do que lhe ficará muito agradecido o De v. etc.

Cacia 16 de Junho de 1882.

Francisco Manuel Couceiro da Costa.

Sr. Redactor do jornal *O Povo de Aveiro*.—É com bastante custo que hoje escrevo estas linhas, pois os meus trabalhos agricolas não m'o permitem. Demais o assumpto de que vou tractar é muito melindroso. Eis os factos.

Ha cousa de um mez o illm.º sr. Antonio Francisco Galvão, veio ter commigo aqui. Pediu-me com toda a instancia para eu lhe emprestar a quantia de 100\$000 reis, pois como linha agora de dar uma serie de corridas de touros, não tinha o sufficiente para entrar com as despezas, mas que no prazo de 8 dias me entregaria a referida quantia. Lá lhe emprestei o dinheiro.

Passado é um mez e o sr. Galvão, como cynismo que lhe é proverbial, ainda me não entregou a referida quantia. Isto é indigno e custa-me immenso vir para a imprensa fazer accusações d'esta ordem.

Eu tenho pedido, pedido ao sr. Galvão que entregue a referida quantia e o silencio d'elle responde á minha supplica.

Saiba o sr. Galvão (deve-o saber perfeitamente, que tenho 2 testemunhas que viram emprestar-lhe o dinheiro) se no prazo de 8 dias a contar da publicação d'este, não satisfazer a referida somma, cito-o.

Cacia 16 de Junho de 1882.

Francisco Manuel Couceiro da Costa.

O tal Galvão, o tal toureiro, o tal caloteiro, o tal chefe dos *batoteiros* é aquelle que teve com um dos redactores do *Povo de Aveiro* o conflicto a que nos referimos n'outro local.

O sr. Francisco Manuel Couceiro, homem honrado e dignissimo que muito prezamos, é o pae do actual administrador do concelho, que, infelizmente, tão mal tem andado na questão *batoteira*.

Que coincidencias!
Não fazemos commentarios.

O sr. administrador do concelho, em seguida ao conflicto narrado, mandou rondar pela policia a porta do seu amigo *batoteiro*.

Que administrador, que heroe, que dentista!

Que *batoteiro*, que valente!
Tem medo? de quê?
Olhem, amigos... o seguro morreu de velho.
Entrada de leão paradas de...

Agradecemos sinceramente ao nosso collega do *Campeão das Provincias* a maneira dignissima porque trata o conflicto havido entre um *batoteiro* e um redactor d'este jornal. Actos tão nobres de camaradagem, que não esqueceremos, honram a imprensa d'esta terra.

Os srs. José Joaquim Gonçalves da Caetana, Francisco Baptista Coelho e Luiz da Naia e Silva, resolveram promover uma subscripção em favor d'esse desgraçado pescador que ha pouco fracturou uma perna, jazendo agora na maior miseria.

D'estas acções deve a imprensa ser unanime em registral-as, e nós que nos prezamos de ser justiceiros, louvamos tão sympathico empreendimento.

Temos hoje mais uma brincadeira desengraçada e idiota no Campo do Rocio. Nada menos que uma corrida de touros ou antes um incentivo para a affluencia á *batota*. Isto é claro.

ANNUNCIOS

Conselheiro DO POVO

Manal Pratico dos cidadãos portuguezes para cada um se dirigir e regerer por si, sem dependencia de procradores, nos tribunaes e repartições publicas, segndo as Leis do Reino.
Sahiu á luz o 3.º fasciculo d'esta interessante publicação.
Acha-se á venda no kiosque do Rocio (lado norte).

Custa apenas 120 rs.

Ourivesaria

9 RUA DA COSTEIRA 9
1.º andar

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos, tanto em ouro como em prata.

Garante-se em todas as obras feitas n'este estabelecimento um preço modico.

Todas as encomendas de-
nem ser feitas a

José Eduardo Mourão

BANDEIRAS

ALUGAM-SE bandeiras novas, quem nas pretender alugar fale com Rodrigo M'eiro, rua de José Estevão n.º 64—a 67.

SINGER! SINGER!

Machinas para co-
ser com 10 por cen-
to menos, a prom-
pto pagamento



Machinas para
coser, a prestações
de 500 réis
semanaes

QUALQUER QUE SEJA A MACHINA NÃO SE PAGA ENTRADA

As melhores machinas para costura que todo o mndo conhece e que nunca tiveram rival

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

AS LEGÍTIMAS MACHINAS DE COSER SINGER

SÓ SE VENDEM NA
COMPANHIA FABRIL SINGER

75—Rua de José estevão—79

(Em frente do edificio da Caixa Economica)

AVEIRO

FABRIL

52—LARGO DA PRAÇA—53

OVAR

PEÇAM CATALOGOS ILLUSTRADOS COM LISTAS DE PREÇOS QUE SE DARÃO GRATIS

Vende-se algodões, torças, agulhas, oleo e peças soltas a preços baratissimos

TYPOGRAPHIA DO "POVO DE AVEIRO,"

RUA DIREITA



AVEIRO



Nesta typographia, recentemente montada, executam-se artisticamente todos os trabalhos concernentes á arte typographica, para o que tem uma escolhida e variada collecção de phantasias e vinhetas modernas. Incumbe-se de todos os trabalhos, taes como: circulares, facturas, bilhetes de visita e de pharmacia, participações de casamento, chancellas, memmranduns, prospectos, procurações, mapps, programmas, editaes, guias e recibos, guias de remessa para o correio etc, etc.

Tambem se imprime a côres, ouro, prata, bronze, etc.

Garante-se a brevidade, nitidez e sobretudo modicidade nos preços.

O preço dos bilhetes de visita é de 400 réis o cento, incluindo o cartão.

NOVO ESTABELECIMENTO

DE
Crystaes, mobilia e mercearia

DE
JOSE MARIA DOS SANTOS
**RUA DIREITA
AVEIRO**

N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de vidraça branca e de côr, molduras douradas e pretas, galerias, paters, stores, transparentes, copos, calix, garrafas, jarras, espelhos, candieiros e seus pertences.

O annunciante tem tambem á venda muitos artigos pertencentes ao ramo de mercearia, o que tudo vende por preços muito modicos.

Encyclopedia

REPUBLICANA

Revista de sciencias e litteratura ao alcance de todas as intelligencias

Publicam-se duas folhas cada semana, pelo preço de 20 réis cada uma. Para o estrangeiro e pós-

sessões ultramarinas acresce o porte do correio.

Para fóra de Lisboa pagamento diantado, um fasciculo de quatro entregas semanaes pelo menos. Toda a correspondencia deve ser dirigida para o largo dos Mastros, 29 e 30 Lisboa, onde tambem se recebem assignaturas.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

nas machinas da Companhia Fabril

SINGER

—Rua de José Estevão, 26 e 28—

Acaba de abrir-se n'esta cidade um novo estabelecimento de machinas ligittimas SINGER para familias, alfaiates, costureiras e sapateiros. Todas estas machinas se vendem tanto a prompto pagamento como a praso.

Grande abatimento nas vendas a prompto pagamento.

Em todas as machinas venpidas a praso dispensa-se a pres-
tação de entrada, sendo o **500 réis semanaes** seu pagamento feito a

Todos os pedidos devem ser feitos a JOÃO DA SILVA SANTOS, na rua de José Estevão, 26 e 28.

**João da Silva Santos
AVEIRO**

SINGER ALGODÃO

SINGER TORÇAL

FABRICADO expressamen-
te para as machinas de coser.

Vende-se a retalho e por at-
tecado, com bom desconto e
a preços baratissimos na

COMPANHIA FABRIL
SINGER

75 Rua de José estevão
79.

AVEIRO

**AVEIRO
Typographia do
POVO DE AVEIRO**